

Portugues — Dama

o meu e' meu sangue

Todos os meus e são; christão eu uniu

²⁷⁰ Não me perguntéis mais; eu vo-lo rogo

Por v' cruz — leve-me preso ao campo

Onde os socorros q' hauster m' alma

Encontrar possa. — Prompto Nuno ordena

A's guardas & vigias q' devem

²⁷⁵ Em s' enzenha fazer e' a formosa

Dama & lo velho moço ao campo volar

XV. ~~VI~~

Barão atabales & trombetas

Dão tangem menestreis; todo em triumpho

O arraiá pareia: "Ei-lo que chega

¹³³⁰ Ei-lo — real real S. D. Affo

Do Algarve & Portugal." — mil vozes bradas

E do mestre & dos s' auompañados

O magnanimo Affo n' um formoso

E suberbo andaluz montado em um

O campo entrando. Aos rivos de aleyriis
 A fundação do povo & dos Jolo's
 Benigno avolto; mas profunda ruína
 O vito imprépa tract, ri-the nos labros
 Doue affabilid^{os monarcas} q^{entre tempo}
~~Distinguesse os monarcas portugueses~~
 Portuguezes outros distinguis,
 Abas afrente peruda de cuidados
 Em vao se abisa; as rugas da triteza
 Sob o diadema d'ouro chor encarpas. 294

XVI: I I

Chegad a tenda elrei breve repouso
 Toma a rogo dos d's, mas logo ordeem
 Que lhe chamem frei Gil, & a sós com elle
 Rei
 Que heis decubto p. q' esperam
 Que novor me trazeis?
 Fr Gil. Tem confiança 300
 Em meu poder orci do portuguez

Tua foz verás: nos sed crida
 E se se cumprir a grande obra
 Em q' empurcator de tenho as nos artes
 Minha sciencia toda

305

Rei Abente ha prate

Mo' promettei assim, e de cul poe - m
 Sou poe e nenhum poe nunca amou se
 Como eu a m' Brama, nem mais digno
 De amos e de termino' honre outro se
 A meu perar, confesso, q' avo altaru
 A uoi - & inda mal' trite presagio
 Me agourava se fado.

310

Fil Rei, e' honrem

Como homem ei fraco e miseravel
 Pesa-te o q' da fa q' hor votard
 A um D' q' reio a reinos te avremto

315

Rei

M! nias am. Brann a m' se
 F. Fil

Tua foz verás: sou eu e Affo

Que to asseguro. Do immundo espirito

Que hei forçado a seguir-me & obedecer-me

A respeito al'canice: não esta longe 320

A allbadeia d'Halgor debet sitio.

Rei
Aonde aonde está: com esta esp

Por mi propria mão.

Fr. Gil

Tua mão tua esp!

A tua coroa o teu sceptro q em pechúros
Não são nada sem mim. Que sois vos 325

Reis da terra, q fôrão os throno
Sem o ampuro do altar? - Liberta

Será Branca p' mim nem longe e' o dia

Quando o vicio se peite em talle d'ouro

For erond., quando beuto orvalho 230

Entender seu influo a terra d'impior

Quando ^{em} monte mag' dona do y odio

O gallo prete annuncior a hora

335 Dos espiritos do ar, liberta d' Bruma

Nuto confia o rei; nem q' d' forte

E' poder q' aquora - Grande imperio

E' do genio que a retem captiva

De confiar-to dividei regem

340 Poderem fora e' q' o saibor - Protegido

Da ruinha dor favor e' o jover

Roubador de tua faz - nem violento

Em sem torpes obrucos esta ella.

Fatal quanto a cega - poderoso

345 ~~Leitao a emontant~~ e ja no lei

Da copia do sr. um fructo adulesco

Inestruo creue -

Rei D. que horros

350 Men sangue amesa - queveryouha
He amunio - Oh venha ordegruon
Seu juiz ten alyz terci en unu

Não o permitta o ceo: alho deus
 São do destino eterno. — Ador. deves
 E conformos tu vout humilde
 Com os voutos suos. Reservado
 A grandes voutos em prole aduherem 355
 E etua ja esta! — Mas a falva lu
 A quebras e emanto é neceparia
 Uma difficil vouta
 Rei o que?

Projil. Tres gottos
 Sem ferro hauido do ~~exposto~~ ^{sangue proprio} braço
 Do roubador.

Rei
 De Aben Afan. & Burlaci - nel
 Padre, zombais de mim! nome brejo
 Que com ella nomeemo imantun²⁶⁰
 Este pestido nomeo esta?

Trgil 1060

195

Sim. dupe.

Centão?

Rei

Tr Gil

Perto de nós está seu sangue.

XVII.

Mal estas vozes promuniãra ofrade

Estã entrada da tenda um cavall^{ro}

364 Duma formosa dama acompanhada

Affix fallã — Perdoas minha susaãria

Rei & fr — justia ante vós venho

E puer imploros. — Horrendo crime

Barbara afronta a os & a humis.

370 A formosura um monstro ha perpetrado

Aquei ~~da~~ ^{sa} e' a bella dama

Dize aqui vides — o reo — Interrogaa

E della ofabereis —

Rei

Formosa dama

Justia vos farei, sede tranquillo

375 E se de vossa afronta e' tal o coro

Que só a vingnem campo raro clama
 De cavallero, Cavallero fetho.

Que p. tam gentil dama se apresentem
 A defendella em caso ou estremo
 Contra o proprio Amoziz - Não v. truzo
 Fúria mourina me parecem
 E voi' fra' sois?.

Damio

Mouro é meu touço
 Christan em son. Não de meu trit' lora
 Dos dias este horrad' cavall^{ro}
 Serôae - me p' touço di' curio, 385
 E en poder emagor ~~traz~~ nas permutas

XVIII

Nuno entã conta o q' no campo vultu
 Dos cavall^{ros} q' aofatal combate
 D'Antas em tarde auxilio havia' id
 E esta dama em poder dauaun turto
 Quando fugia avirã, & sabido. 390

194
197
Como deus
Forn de prisioneiros q' ~~combate~~

Do combate elle forn: como filha

XIX

Lon de reju sangue, e a fe' de Christo

345
Convertido, do Alvargen aleviro

Amu sauths ermitão & enyuarda a obra
O meruador Roiz. — Depois conta

D'Atutai a crua historia, e como havendo

Succumbido or chovrty na futeol luta

Or inficis a Sylves a levirro

40
E n'um mudocho ~~surde e cado~~ ^{subterraneo} carcere

Por comeco de trabos a enojavos.

11. Como foi no dita liberto — la

Por o saberis fr — esturo aurescenti

12. Moas or formtos crus nua o impiedro

345
Formto infame q' nu peverro moutro

Lhe dava oh nao me atrevo aproferto

Comedi-ne fr q' ante vor trage

O seo e saberesis por mereri delouhae lo

Rei

40
Ide — Rerto elle estri — Trazei abito

198 / Co 6º
A presença delrei épe malvada.

XIX

Os Soldos covelho mouro entrou
E o rei com attenção fixo o contempla
Rei
Apropimae-o, oh panno! um mouro épe
Um mouro direi vós! — L' Fr. Soeiro 410

A Dama
A Dama

Um christão, justo D' e um religioso!

Rei

Fr. Soeiro! o confessor de m' uso
Miseravel! defende te se podes
Treme infill das penas q' te esperas.
Por q' enormes peccados has chey 415
A esse estado d' infamia & de miseria
Reneyr deteu D' teu voto ^{sancto} ~~sancto~~
Como infeliz, como chey que abonto.

XX

Attonito entorno estava todos
E com horror o reneydo frade 420
Contempla qua da qual atto ouare

Pouvi-lo appliando ¹⁰⁰ Nas caldas 199

Mudo quebo con otros exguisados
Como se d'ia o outro ^{Rei} immovel fia.
~~Falta provento en to orreuo falta~~
Pensas de me illudir com t/ silencio?
Quid'os salvar-te assim? Como te enganar
Falta, en to orreuo, falta seruo.

Mudo
Imprafivel ² estatio como dantez.

Sold'cos exp' nos banhos
Porq' os não nuinho vil ^{Rei} dos duros cotos

Lhe maelerue com rijo mão - verenos
Se lhe passa a muez. - Executado

Foi a sentença - In voo: nem signal leu
Da menor dor' amortez. - Passa Affo

35 Espantao se os q' vem. - Entao d'ublado
D'onde atelli calado cita obseruon

Scena de narvitha se appropio
To fil e com um braço trenebundo

Esquendo aei queda nao ¹ Falta cubon
O criminoso trene & resolveudo

Com furor os olhos com arrepios corria
O q' queres de mim (the disse) mestre?

Fr. Gil

Es tu Frei Joao?

Mouros

"Não."

Rei
"Não es tu Joao!"

110 Quem estu pois?

Fr. Gil

"Responde."

Mouros
"Sou o diabo!"

Rei

Zombas de mim, traidor?

Fr. Gil

Não zombas, Appo 445

Mue. Deuta-me toda em silencio
E não me interrompas

Fixa da manha

Curta varinha do brado negro
Que tres vezes no ar comprou o gesto
No chão depois um circo deuseno

Bemtôrno ignoto ^hcaracteres forma.
 Palavras cabalísticas murmura
 E de pois em silencio as mãos cubidos
 Virados na frente a rara greha
 Com os olhos fixados como espectros
 Que se ergue sobre a lampa em hora agitada
 Estatastico terrivel permanece.

XXI

Subito exdama com acento horrido.
 "Espirito infernal oujo dos trevos
 Que ao meu poder ~~com dote~~ ^{rebelde} he fugitad
 Pelo sublines arte, e espectando
 Palavras não sabidas d'homem vivo
 Meu pronunhado, e humano labris
 Diante do luz do sol, eu te conjuro
 Immunda creatura aq delures
 Que se pertendes de se immundo corpo
 De tr loein. Como e p q causa
 A renegar dafé e de D^s Santo.

Teu & seu creador o compellente
~~Como a bella Fabiana ou sua torrada~~
 O que o deus p' suas mãos impuro, 470
 Deixa a bella Fabiana ou sua torrada
 Falta e verde em q' se fez nem minutos
 Ou as fadas palavras do castigo
 Sobre ti vil creatura promunio

XXII

Epa Fabiana e fada do perado, 475
 E de nome a minha surra & della
 Roubo-nia um tal tratado de guerra
 Meruador q' ahi jaz em Autos morto
 E foi-se a tempo q' p' nudo opulto
 Numa ouzera em q' olive quon em luro, 480
 Custura-nu a perder e padouzella
 E ao velho ornitro q' a trilha em core
 Tentei tentei debalde um anno afo
 Debalde q' ornafino velho & tropeço
 Não tinha q' dentes. — Quando vi jurado, 485

Du Artz o teu pover cavalheiro
 Atentei de meojar-me no mais novo
 Suais gentildor sei: posto dormiu
 Usa moru emidi q. a truka feita
 Meas p' meu foto or. cavalheiro todo
 Não se esqueces de trazer ao peito
 Aquella coura q. adorne os outros
 E q. nós...

496

Fr Gil
 Vi p' diante euas ~~clausuras~~
~~XXXX~~
 O Diabo

Figueri dua pontada como dize

495
 Dinglezes não hucard lingua
 Longo o dizer, e verba ou não do diabo
 Fomen-na q. hão mistes de a poleon.

480

Atun galão me enaia ei, voei de vora
 Que o pover me sequin te pinto della.

500
 Dormiu etun formosa Puta un lation
 Portura estava q. a se vos juos

85

De diabo q. jon. — ~~et~~ arrependum
 De hor. trufino nel entoru de amos
 Eno formu e juliao nese mouito
 Moen inuubr. poder.

Lorum abella

505

Fatum, e indignod o interronpa
 Et fil — spiritus immundo uro abusi
 Daliberde q. te dei: prorsum.

O Diabo

XXIV

Quem tal diu o porro do manebra
 Babado aolhos felle uua hora int. 510
 Et fin por fin torna nos tron
 E derandu afugir como un dromande
 Pa alvon atem de baptisma
 E fugir — dizim elle lu ~~comisio~~
 Dulentaria i. Sakiro do coninho 515
 Eo neke sabei vir. — Vi-on entudo
 Or sei e comersado in dicitrichas

5

529

530

535

Paru vreo compalante, eiffelles
 E en coicando me fui d'ho a d'ho
 520 Duse amora levarão. - Triahi Soeiro
 Com q' au rigor auzo f'o p'ante
 Eravo f'ora d'un viltou mouriso
 Que nen toucinto seu maior querid
 Nem na de moij b'at' a echer Mo apang
 525 Lhe dava - Renejon e f'ome afrose
 Não fui eu q' obriguei. Janeira e moura
 F'abim t'ucha q' eu Me instrui no corpo.
 Renejon mas ninguém fez coro delle
 Moura ou chritro f'ion sempre bernard
 530 Metti-me nelle e fez f'az diabrasso
 F'az tratos dei a outros chritros e outros
 e de alguns f'iz renejon dei labo d' outros
 me e f'elo da lei tornando - o or moura
 Lhe e morregarão da princeru a quarda
 535 O mai q' f'iz foi tudo baytata
 N'adn alancei. ella abri sta com bono
 E en van - me eubora deite sujo f'ose

Que nunca entrei em mais inundo do
 Nem semos lá no inferno lagostika
 Demais sigo epeora q' este malrito. 540

XXV.

F. Gil

Ainda não; espera. onde escondete
 Ainda D. Bruma.

Diablos

E outro cura

Essa de D. Bruma; não sei de lá

Ainda ali mor poder q' omen.

F. Gil

Agora 545

A ruína da fada?

Diablos

Sim.

F. Gil Egr

Se chegado o encanto

Diablos

Ameia nome

Em dia de João.

F. Gil

Com magu?

Diablos

Sangue

550 Salta-me ou noada ouai bomo a dezerta
 Maldo frade affoga-me dezerta

Fr Gil

Pai-te inimigo, nome-te-

Um uirino

Medouho retumbou p' todo o campo
 Lem negro baqueiro se abriu a terra

Extremecido todos e a terra

555 Sebensem — Euphodo fumo eheio

Chala aboqueiro — com agua benta

Purifuro o ar e a terra sepa-12

XXVI

Dei Joer, Deposens, como um ponto

Ohava p' tudo. & boujando

560 Se o horn dijantor perf' act' uno.

Rei

Vir unyado: — a ferro, & seguro

Leve — esse trair, quordae — o a' v' d'.

Fim do Canto 6.

Nro 14 —

Novembro 15
1824

M.

Canto Septimo.

I.

Caro és, praver, q^{do} remorris cutas!
Quanto mel de seu fardo amor espreme
Natau das delicias, se o tocárũ
Labios impuros, negro fel se torna
5 Que embriaguez de morte, mais suave
Devaneio de languido respiro
Natura agitada convulso excita
Por da vida, amor, tam breu prefas!
Males, q^{do} despa, são tam duradouros!

II.

10 Brama cedeu a amor. - Lá othon turron
De tremor e delcete o adeus extremo
Deu suspirando a virgindade morta
De praver & de amor cubre no braço
Do gentil vultador. - As horas correm
15 Or dias jogem: voa o tempo a amantes;
E nã seio de gloria adormecido.

Aben Afan, & Bramu o m^{do} esgueram.

III

Erão fins d'esse mes feitura e bello
 Louz ayrodo a João saulto omni quap
 Moai se^{garrido} e brimeu do calendario 20

Saulto do proprio trouvo festejar

Cuyin orvultus beutor d'ou faude

As corpo & almu, cuyu route cum

D'amin & dos progre, tanto enobrea

Jorto furtivo, bejo unuorodo 25

Tomoi q' voi Carraioei & sein

Pelo formouo moryey de ten rior

Moai catholico d'ysia q' os uoror

Quando joreus tapui pimpois d'aldem

+ Sabemoad route vós devoty 30

As milagros bruto. - Saulto anavel

Aclorgado dos limpido correntes

Amigo protector dos meus pontos
 Para q' tuas ^{gentes bonzinas} ~~deusas~~ flores
 35 Recebas a gratidão amada mimosa
 D'aduzella imvente — ohuido fausto!
 Liral ha hi renegado iconoclasta
 Metaphysico abstrudo proteste
 Que ^{do} virte apim gentil co' furor sinto
 40 Partorir d'alvos pelles, e affagando
 O cordeirinho q' atey pe's nem balde
 Queu sera' q' tal vida nos converte!

IV

Centros de agouneiros aluchopros
 braucos d'amor & de crepudontes
 45 Fogueiros & atonceda finim perna
 Que se mostra ao fulgor — com a del cuida
 — "Ai! mamãe, que me viras quasi... Não
 "Não sabo mais. — Mas um... um só!" — E medo

De creator a orla crespo & bemfrançada
 Do tafalo veitido, o ergue mais alto: 50
 E viu-se quasi... quantidade ayora.
 Bendito S. João, tudo desculpou
 Também q' ei' e santissimo tudo!

V

Era pois a estruão formosa do anno
 Euy todo o seu facto em lupo e galloy 55
 Por q' meigos climos pavoneis,
 De rica esperdicada, anatureza.
 O Sol q' tam beneficio despende
 Paratanto aderêre os raios d'ouro,
 Em s' zenith de vezer dobra o fogo 60
 E a calma intema aos leos habitas
 Des' pairz dilletos amando offende.
 Mas entao ~~VII~~ ^{VI} o' Sombros delictou
 E o amor freio de alomo apouo

Que aose da porta respeitosa crene
 E ha gemidos q' e venerando abrigo
 De paes de se no queimado estio;
 Abor a floresta espessa q' da vonta
 No arbor da festa ao ceifador amado
 Ao mudo sequivo; e a fruta frem
 Ape' dorio q' salgueiro bordos;
 E os regulados pomos salomros
 Corados - como a face da donzella
 Quando ao primeiro amor digna modestia
 Co's labios - por q' o seu la fion n'alma
 - Fion - leunao revelao othos languidos
 Que o hem (so' p' os legos) estondido.

VII

O brenor de Britannia, oh! q' vos moube
 Ricasos Lords, tanto formoso porque

Tante grata (de l'hor & amours) 80
 Tan lúdos, velos tu gubia ribeira?

— Onde a calma q' de valor a' fombra
 Que e' do sol q' de preso a toute esmêro
 D'arte q' em voo triumphon donatureza

— En vao: humida nevou, fumo negra 85

Prao nexe ar; e cu urnas inefraute
 O pluvios generos não des curias

Quasi fixos no immobile todiao

Do a reborcar na apaulada terra.

VIII

Oh sol duma patria o doce chima 90

Quando te verei eu q' do leuodo

A' fombra dos domos longeiros

Respirando a fragancia delivom

De / doce flor, rivei de porte

Bem vindo ao protector d'amantes,
 Glorioso S. João, q' tudo alegras,
 Que até descrias mouros e festejas,
 E bicredulas pedreiros te venerão,
 Ten santo dia, tua bent a noute
 Suspirada d'amor bem vinda a todos
 Tuos brandos oratarios q' os toze
 Teu sereno fado quel q' o faze evita
 Quem teme a vinda de teu feroz dia?
 Dous amantes. — João santo, adroado
 Não es tu d'elle? — Teu amparo amo
 Regate-lho? B' que? — Fado o vedão,
 E no tempo eniz fado a feitio,
 (Antes q' a Inquisição queimasse os bruxos)
 Imperavão na terra, santo ou santo
 O mai pintado em tagarro em balde
 Se opporia ao poder d'um bom feitio.

A embriaguez d'amor e dos praxeres
 Ai! perpetua não é: obello mouro
 Da formosa abbadeya aos lindos bruxos
 Jatare sedente de praxer não corre 115
 Jauis fatal! — Em vão te esforças
 Delindo amador p^r embri-la
 Que ante kahi q^e o respirar dos oculos
 Que o affroyar do appetito nos abraça
 Centibias dos carinhos não decubra 120
 Nayelle Quisjo amor a vida a honra
 Teor sacrificio toda se ha dado?
 Brann o perube: misera! a tey othon
 Crêdo não quer dar: suspirio nunca
 No triste peito — q^e no peito affoga 125
 Layrimos vem aos olhos do lhor beber
 Layrimos q^e os não veja a curadella
 Ser o generoso! e fatal uigroto
 Que traia tanto amor. Froidos não era
 Men Afan; nos vós q^e haveis amado 130

Dixei-vos, q. a esplôrã primeira
 Do supo se exhalou q' amor amende
 Culpa é do aut. se em quieto fogo
 Mas tranquilly paizão no peito theare

XIV

35 Do Agarre ao rei de longe a longe a gloria
 Inqueida telliho di' lamprejos
 Naphantaria: awooden pouco e pouco
 A memoria q' surge do letthary
 Inq' o delite a jouve - ora do sceptro
 40 O orillo, o esplendor do diadema
 Ora a patria em perigo, ora a victoria
 Buzinas tho na frente do tr. diadema
 Mas reguly. os gaudios louros.
 Louros: - ramo fatal do meu destino
 45 Exclamam o joven rei - enmurcheite
 Sena se p' sempre. - Não ha gloria
 Mas p' mim; a inutil esista
 50 Arostorei aqui veshe. dourados

Salvos em ois art e afeminados.
 Ramo fatal se a' custo do meu sangue
 Reverder pudesse! - Desgraçado
 Que proferi! - e amur e Branco! Oh fado!

XV

Abal os extremos sou dos labios rompen
 Classe obscurecer, medonha route
 Caé sobre o ceo como um funeres munto
 Sobre cinerea urna: estalla um rio
 Com vivida lumpyj fende os nuvens
 E horrisono trovão nos ares bruma
 "boto fatal!" - Etremecendo disse
 O manecbo: seus ramos evantado
 Obscura: seuo omphro, verde o leu.
 Oherith! enroceem: seu voz seu aviem
 Entre a morte ^{e a exist} entre as suspensio
 De fallae cupim. Sophu olitro
 Que outro demmais he tam pouco viste
 Thalunio de prozer eider ei hoje

XVI

Boa noite era longe: triste e solitaria
 Pelos vergeis soninho possuída
 E pelo mais número de espessura
 duas maiores entre as folhas e covaria.
 Do emurecer do sal do trovão sabido
 Aterrada afugir aos paços virada
 Virada evocar as delicias que
 Deu o susto desvrou no seu amado
 O coração batia-lhe no peito
 O respirar violento e apressado
 A suspirar, uma lembrança avoca
 "Noite de S. João é esta noite."
 Noite de São João! — e a profecia
 Da fada lhe soou no intimo d'alma
 Como o fanelle sem decumparado
 De rimas ao longe q' os meus olhos

XVII

Noite de S. João! — Junho de mais
 de juro o sol correu: prazo terminal

Quem penso eu? Afirma o passo, teme
 Deo ver de the fallor de recordor - the
 Op' riyor de su mente q' auziinha.
 Mor q' periyor sas? - Nao disse a fada
 Que eu me f' ovomo f' leceer donumta 191
 Seguro e' amor / veritudo?
 Animo cobra, novo allento, e ~~cora~~ ^{con}
 Nao azos da esperanca do amor.

XVIII.

Frite! mal sabes q' fatal desejo
 A razao eutro de ve q' adoro 195
 Mal sabes, infeliz, q' negro agouros
 Que rano de Espirito te ha muntado.
 Sua pena os sentidos reutro
 O momento real, chega-la sente
 E a prena os rano e evoudei saputo?
 O semblante compoe. Terena o othor
 E da illu' virgen ao enoutro

Vem com tranquillo affectuoso gesto.

XIX

Estreitou os amor em dou abraço;

205 Dou, dizei? — As lagrimas soffria

A linha inf — elle ostentando todos

Do inferno padecioz —

Brama

Oh dou amado,

Esta noite! — Uben afa

Esta noite!...

Brama

Tu reuicias!

0 que? Oh! não me enubras, falla

210 Nosse uniguenos n/ mutuos penas

Nosso temores.

Uben afa

Pois tu temes Brama?

Bla

Ai! desta fatal noite não recordas

O q' nos disse a facta?

Uben As promessas

Tam seguras nos fer

Causa 7
Brama

Se ostens desejos

O sêno Bramo

Abenafun

Brama - oh! não profiras 215

A sentença fatal. -

B^{ta} De que?...?

A. Perguntas?

Queres sabê-lo - misera não queiras.

B.

Ramos fataes! - não ouso perguntar-te
Se... Mas tu dize amor não desejaste?

A.

"Eu desejei, desejei só a morte." 220

XX

Nô chão os olhos d'ambos se cravávão

E de todos os males do universo

Incerteza o mais cru e as ^{mas com} aras negras

Sh'invoua dentro dos aflitos peitos

Quando extremo praxer ou dor extrema 225

E' maior q' a expressãõ. Silencio afunebre
 Elogio da mágoa com teu sello
 Os decorados labios thes cerraste.
 Em tanto o dia se perdeu nas trevas,
 230 E a recuada noite, dobra a dobra,
 Estende sobre a terra o veo de lucto.

XXI.

Dixei-me, fadas, q' inspirais no canto
 Espiritos das labregas cavernas
 Lus á meia noite volteais em torno
 235 Dos tumulos das aras membranosas
 Dixei-vos, com q' fataes palavras
 Por q' terriveis ritos se prepara
 No arraial portuquez e formidavel
 Em canto em q' empunhou d'arte todo
 240 O fabio Gil da gran^{alta} sciencia murtre.

XXII

São horas dez, e clara e clara a lua
 Vai pelo arcul do ceo, como de q' orto

226

Conto 7

Desafiando os cantigas e foyeiros
Com q' tua vontade p'litjar e' de uso
Nihilum João aos seus devoto. 245

Mas a r'oga de Jil do orden de Affo
Nantos prohibivão p'lo campo
Folios e cantares qualq' morte
De regoijer q' em tanto ompenho
Da christand. contra infieis só' preces 250
E rogarões devias de fazer se.

Toto o mundo pregon, e ao regio mundo
Mas q' não satuf'o campo ob'dee.

XXXIII

Mas Jil na tenda real entrava
E a Affonso diz: "A hora se appropina 255
Não consummar-se os horridos mysterios
Que háo volver-te a pa & entregar te
Nas mãos s' roubador & seu inimigo
Nestas redoma ja sem ferro havidas
Tres gottas levo de s' proprio sangue 260

Com bebida emantada adormendo
 Fatima foi p' mim; do esquerdo braço
 Com um vidro cutello ^{capitular} ~~reservado~~
 Por magias palavras lho hei tirado.
 265 ~~Vêdo~~ emq' o assalto no momento proprio
 Emq' a lua nosco subitante
 Por esconjuros my' parte esvander-se
 Vou certo da victoria: o memo' out
 270 ~~Luc~~ vir o ~~Algarve~~ ^{Syloes} em mãos de portais
 Vera' Brauna liberha e Abu punido.

~~XXIII~~

285 Sahiu; D' effo' q' a s' caboi todos
 Ordem ja deu ~~p' se' fôrta~~ ^{D' d'irtoe' bytappos}
 E preste fez p' o assalto de tropos
 Armado e prompto o praxi d'udo aguarro

~~XXIV~~

295 Cerna dos muros da torrada Sylves
 E a' falda d'um out.^o custovalle

Se estende: bat demore the chamários
 Entempo antigo, ahi se nos eras
 E si morto os mortos sepultavão.

Mas si aspecto plauido e sereno 284

Quod conveni cor q' somno eterno dormem
 Nem medonho nem lagubre parece

Trite sim, melancolio, mor doce

E a melancolio, q' hi se ^{respir} aspira

No fim do valle honos peneiros 285

Como ácau dos máos danatureza

Esquecidos alli unam sobre outros

Em massa irregular se ouatellavão.

Fenola ha terra cubrita entre os peneiros

Por onde uns de grom breu posum d'arte 290

Feitos si profundez de nem da terra

Longo savernu ahi jaz dos reis do Alque

Antiga & respeitosa sepultura.

XXV

Uegro manto cubrimo e abordado

E em novo cuido a thavo povo 295

Loum q' o cobres, cunha q' repoviro 315

Omor q' vos myrrer, com esta gotta

De sangue q' desparxo oevobras - vos

E' a minha voz se deservirre a culpa

Da redoma q' trax um golpe verde

E com tombo estrido or ofus ruyem 320

Dentro da campã, a loum se ergue, e umbrado

Se ergue tombo burando sobre a borda

Do atoude apoio p' aliar-se.

A carcanida não firmada a custo

Se eleva em pé scheleto de urnas 325

Mal cuberto de androjos laerados

Do sudario q' ha seculo p' este

vestido troupe a esta dos fiados

XXVII

Que pertences de mim? Porq' vieste

De meu eterno formam desperter 330

Para te a par dos mortos homem vivo

Não tens afias de guerra & de disturbio

La' sobre esta inquietas Superfície
Da terra q' inon habitas? Acabados

335 Entre os n'os dos christãos pelegos foros
Ou ja n'os sangue o Sceptro dos Aguarres

Longuitos & Min' herden coroad.
F. P.

Sobeja Me' inua horra de rinas
A tua q'raçãõ. mas na farda

340 A m'rahetã da seculo o extremo
Bago dárcia cui. a derradeira
Hora chegon do imp' de teus for

Schelet
E' isto vens annunciar-me?
F. P. F. P.

Schelet. 35 Com honra
Abiãta praxie' a natura' aozmedes.
F. P.

305 De ti depende. ou peneer com gloria
Deve hoje o derradeiro rei do Aguarre
Ou longuinda em vicio vergentou
E' inimico de' a' he e fado.

Pereira

Fr.
 O poder em privas doer 350

O prende & guarda: o mundo q' e defenda

So' ati não impere: ^{se desceja} ~~vem e teque ne~~

Daignonimia salva lo: vem e teque ne

Grapho alado ahorto: no val de morte

Sobre elle montaras: usa lo deixo 355

No atris pomaari dmy belloz puzos

Bate d' porta tres vezes, e do retho

La' saberoi: Schelch

Foei; pumaari se alua

Clara e' no ceo não posso: não consente

Sombra de mortos, o ~~Claro~~ dalua 360

Fr.

Parte: cabris the hei com escanjan

Aface & a euoerrei

A lento passo

O schelcho exuniba andando e opor

Le the clertoio enci d'anhos rouzen

Adiante o frua vai, e a sibomafon 365

Cheya de Lora com fobae palavros
 Impressa a lua p q s/ bella face
 Envalou em negro ves nem interrompe
 Bom s/ luy dos trevos or mysterios.

XXVIII

370 No uo se apayn o luminoso devante
 Trevos a face do universo cobrem
 E os uros negros ^{negro fende o hypogrypho} ~~seribe effects deiro~~
 Co finis guerr. — Entanto aos muros
 De silves mansant se aproximam

375 As erudas as grassidas balitor
 Catapultas q anorte do longe atiro
 Las moredias torres tentos rotto
 Cada um dos cheper o lampo torna
 Do muro s/ divide as batalhas
 380 Aum signal dado o catayne se comeca

XXIX

Ja sobre o alto do muro or moij affitos
 Sabindo cheguo, ja brador — Santiago

27
 Ya Affo mandos: vello de mouros
 O descobre, e gritou alarma alarma
 Los siviros q' despertou ^{1 empuz} ~~vello~~ 385
 Prestos estao a' defensas avoada.
 Froun apeleju: lamos se arremespos
 Ard' alunzios, durros cantos
 Nuvens de setos p'lo enuto a' too
 Sivo pelo ar: do alto despenhador 390
 Dos enudos uns cahem sem q' avo outros
 Caninos de fubir thes avo voo
 Dobra cos trevos o terror: O a grita
 Dos combates o arruinas dos mortos
 A gener dos feridos se confunde 395
 Em horrivel comerto: etymenta afunha
 D'un lado e outro, e longo permanece
 Entre tanto valor dubra avitoria

XXX

Livros paus q' tanta formosura
 Tanto lustre encerrais, tanta amareidade
 E de tanto prizer theatro fozto
 Paus Damaya Alida aco's me culro
 Velor tu bella inq' & tu formoso
 Moura velor to om brando soumo
 405 Em repouso fallor vos tem respito
 P' Louz desperos? - Frites! não dormen
 Um co' outro abraçados a terrivel
 Hava fatal dancia noute esperos.
 Tanto não poderos Branca dizin
 410 E os palpores palamos the corturos
 Tanto não poderos q' dos mey brocos
 Fereporem. Amorte Culron...

Bate

XXX

Diva pumade neste nut' a pessa
 Do puzo, e doze veres se repul
 O meumo rudo fozm, lento & pumado

O furor do combate & asfalto chego
 A tate os muros de Lybia. Despontou
 A arriada no extremo do oriente
 Da luz q' nasce de mortuos comensal
 O estruço do monte: mor se augmenta 455
 É o vito horrivel, da peleja afuria
 E empto q' il com' uispa a' regia tende
 Invicim' entrava sobre os muros
 Da forte s'iber o penduro do. Quirino
 O entrepido N' uno ovante arvor 460

XXXII

Aqui aqui o' nobre cavalleiro
 Aqui de Portugal: véde o estandarte
 Lustrario cahiu: precipitado
 Da alta torre sobre os corpos rolla
 Espangues dos q' ardo o huesteiro 465
 Aqui de Portugal, aqui! Sabre a
 A lant' ou gloria que vai lla

O muro espulso e firme co' asperuna
 Beem mada de sangue & de victoria
 470 Quem tha ins piron? q' subito barreim
 A o valor dos christos a pox davante?
 Fozem, vozis de cabos não escutai
 A fugir portuguezes! — Fozem, tremem
 Quem e' esse inimigo formidavel
 475 Que tanto pôde? — Um só lampião. Armado
 De enferrujados armos q' parecem
 Tohe lampião em trappeles haver já os
 De morte cavall. — Elle: o escudo
 Sua deusa trar; demyrttu clouno
 480 Dou ramos são. Abu ifun q' a porta
 D' Ayria investe: qual perido tygse
 Abalhor dos lusos rompe o muro
 485 Afugenta dispersa: morre o ouros
 Que ai cortos não volhou: Fugi q' elle
 Se ouve gritos geral: fugi q' e' elle

~~XXXIII~~

Do alto dos muros o infiel responde
 Com gritos de victoria da sua corvada,
 E a Rei q' Matroz leon saltao.
 Porta d'Axoim q' Jahir o vize
 Quando leon consigo espinnu gloria 440
 Do vaillante imperio. — abre te agora
 Abre te a reche-lo. — E ferde o' farde
 O' dios eor teu estado contador
 Senhorio d'Agua ^{em} ~~nos~~ terras.
 A porta abris-10; mor em vno ja diante 445
 De Abu, o mestre de Saubhigo en reite
 Alama tena. Defende te the bravo
 Rei de Algarve defende te a vergonha
 Donome perruquer larv em teu sangue.

~~XXXIV~~

Justavos lamos lamos sequebrados 500
 Espados nuos; & or espados cruçados.

Golpe é mortal e adohum, broqueis aporin
 Or duro boter cós espontes, duras.

Nunha taes carapiveis juinton aquerem

505 Em proum singular de brio ~~de brio~~

Cepa o asfalto: Dea nauvalha or nouros

Na explanaoda or lrisitvõs at armar perunã

Enor dom cavallõs se concentre

O combate geral. Abau ja or ~~batto~~

510 Ropca o sangue, ja demantelavõs

Braceletes cohiõs - ja partido

Domete o emido cun tremeneu bote

Do jover rei cohiõ. Brivo arroya

Omouõ osen: corduro ^{she nap} ~~nao toller~~

515 Com armar deniquas ^{religiõ} eguibel ~~cocta~~

Sem defenraõ avõ golpes firaõ peito

520 Firaõ afrente: or cavallas nor Jappurõs

Afadigo de ferridos, hẽ em terrõs

Pã - denovo or ~~opavõs~~ foz e sangue

Feriem redobro, mor a espada quebra 52
 A o nufmubum rei - não quebra ordãm
 Laza competidor de arteiro salh
 Alme dos brãos otravãe membrães
 E enlarãos or dões de corpo a corpo
 De peito a peito infatigãvesi luctõ. 525

XXXV

Fora a forte imparcial nenhum venem
 Nenhum permaneci fãto dãtem
 Nenhum succumbim - nos or dectim
 Não balamos fatidios perãrãos
 Aorte dos nãos, Do mahon etãno 530
 Impãis pende. - Alen Afã succumbim
 Cãri, & cubãoe o inimigo generãos
 Cavãlho the diz tua vida e nãimã
 Não queira o leo q atãl compãos etãno
 Enãrão - nos olhos tremulos vãilla 535

Aderrado luz - nor paei pallido
Jo mar sempre nor ha q' odo ferido
So' morte teo, vivo ^{se não ven} ~~noo~~

~~Non fuisse~~
Quem ferois de citrada ou raro anjo

Sen victoria Jahn. — E morto e' morto

Plumão crivitor & ai portos se arrojão

De subito pavor cortado omouros

Sen resistir ao ^{siu} cello ofere o collo

De novo ia de novo, avos tensose tremor

Quo algarve d'aquele Affo impero

Nor ann ~~VXXVI~~

Atormentos da dor resistir a vida

Da lingua Branca; nos vazos thesege

Por Aten Uoma p' Aten de novo

De remoras e amor ja ri ja Uora

Esos olhos no ceo a alma na terra

Ora implora perdões blaphem outora

A Holyos a levão & Jahn a segue

Fatima q' deip' ar un triste mudo
Onse tud' perden' as ceo' bobros

Amor' avulso deha' afflito' Braum 555

Ador' amlima' . seu formoso gesto

Muda e' queda' contempla' Ollas' interiores

Mua' p' tua' nos ferives' the colhe

Oporecer' daquelle' q' vinda' adorn'

Moas' th. ! conulo' misero' emerys' 560

Pouso' e' pouso' se' erroi' odore' enjuno'

La' verde' fatal' vobos' unoi' com'

Flor' du' epilla' desfolhae' - n' haute'

~~Parquia' q' amonellera'~~ vos' calivo'

Vegetu' o' tronco' avulso' e' mar' e' vida' 565

Ue' viver' q' se' abinta' em' lagrimos'

Fim

Haure' em' 19 de novembro 1824

comerado' este poema em' 19 de

Agosto do mesmo anno, - 3 meses

justos me levou. —

Conto 1	veros	520
2	2	602
2	3	480
2	4	644
2	5	649
—	6	562
—	7	566
		<u>4023</u>

4023
 240
 1620
 1440
 180

1240
 18

lsta 36

Na ameior do nome penduro
 Foi a cabera do traider Lucio
 Enviao p' elle supplicio oriam
 D'hei nro ceo: atroz honcudo e' o crim
 Pme - o de morte a lei, e a lei nro ouia
 Para tal delinq' o rei magnanimo
 Justo rigor embroudees piedos.

Atto Inr. D. L.

Haare 19 de Novembro
1824

Meu amigo dof.

Faculdade de Letras de Coimbra
SALA FERREIRA LIMA

Acabo neste momento de
lurever as ultimas linhas de um novo
poema (don-lhe este p^o the não duertar
com outro nome, porém a fim fou eu pouco
que the despenho o titulo) do qual, quer
queira quer não, absolutamente citá
deudo que the rendo preito & homenagem
como áquelle aq^u mais estimo.

Labeli da - segue-se o formulario do
estyllo. — Agora em linguagem cham
& cor. — Lembra-se dos n^os conversos
de Londres sobre antiqua l^hos portuguezes
& o merito q^u dellas se podia aproveitar
quem de n^o ~~est~~ legendos e vellos historicos
& tradutores fizesse oq^u tam bem fazem

Inglezes e Alemães q̄ e' vestidos dos
adornos poéticos, e saudar-me a poeima
do esquecimento com um afiço de evocação
& apropriado modo? — Pois deves
então, & já de mais tempo me ferris isto
na cabeça, não fiz senão pensar no
gêito com q̄ me haveria p̄ ~~fermor~~
afirmar uma coisa, q̄ se pareceu mais
q̄ de longe com tanta coisa bon q̄
p̄ ~~ca~~ ta p̄ estar terron de Christo, &
q̄ pelos olhos, de hum rivo q̄ como
se expedia, & andou amonte
p̄ derueto de lettrados, e barbas
de ignorantes. —

Accertou de me vir ás mãos em
10 ^{portuguez} q̄ p̄ ~~trium~~ foi um achado aqui

vade até a gazetta de Lisboa

Credite, porteri!!

É ser em portuguez me dá não sei
q prazer de ve-la q de verdo tho
digo me emvergonho commyo nuno
de minha creança. — Trão as chronias
de Duarte Nunes; q apesar de lido &
revido, me deihei a ellez como escaivado
& lendo & emrevinhando como é meu
viquê, deporei na chronia de D.
Affo 3 com a relação da conquista
do Algarve & ao pé logo entendi
converso palavra a historia da ^{uiga} Donna
Branca filha daquelle rei

Que foi senhora do mosteiro de
Lorvão, donde foi mandada p abbadea
~~de~~ do mosteiro de Holyos de
Burgos, q he o mais nobre, e mais

rio mosteiros de freiros que ha
em Hespanha Com esta
infante teve amores ha um cavalleiro
. do qual pario hum filho.

~~Deu-me no gatto esta edificante~~
historia, & como lhe não vi impossivel
poesia, affentei de ali por com a
da conquista do Algarve & fazer
dahi um poema romance, ou o q' mais
queiroo chamar-lhe se q' de nomes
não disputo, e n'to menos de nomes
dos meus rapazes —
dos meus creanças.

Ora eisahi o argumento e origem
da obrinha. D. Brann e pois
personagem historico, e não menos o
são D. Paio mestre de Santiago
& Aben Affan rei de Gylas, ~~o qual~~

cujus rerum dilatare usque ad hunc o. Algoru
q. p. diveros reisinhos & principibus
~~perstissia~~ estava reportito. e sem
me porerem demorando a licencia poética
principalmente nos ^{into} dias que maiores
desta natureza or utomodo vado &
em boa pram, q. não em verso. —

Historia e' tambem. a curada
^{partat} e combate de Afonso em ^{juar de mortos} muros
or o cavalleiro de S. Tiago & o merrador
Garcia Rodriguez defendendo - se
ate' a ult. como honens q. erro.
Porventura ^{havera hi q. ahi} achorão este caso anda
mais poético; mas e' pura verdade ^{tal}
& qual a conta D. N. & or ^{sem arceio en pty} m
merradores daquelle tempo, ~~luchas~~ ^{corado}
~~metheo~~ ~~afferis~~ & es sabião tanto
do corado como da epoda, nem
_{se desparava}

infulhor de cavalleiros, ou callores
de senhores atrós de cortejas.
com modo de fantezoria

Não ha lá principes mouros ou q
diz a Chronica, mor netilhas, en
q tambem sou Chronista em minha
casa, & umos p outros. Não he
quem mais mente se poete ou
Chronista: ~~De~~ *De* ~~taes~~ *taes* ~~contos~~ *contos* de Chronica
dizim ^{um ny classis moderno} ~~ou~~ *ou* ~~poeta~~ *poeta*.

Sabe D. o q elle viu.

Aida da rainha D. Beatrix a
Castella para a concessão do Algarve
igualmte e' historia, & enfim
ate os bruharios de Fr. Gil, depois
J. Fr. Gil não são fabulosos pelo
menor da m. cabera. — Naquelle
tempo vivia, & tam seu devoto

foi elrei D. Affo q' diz conta o
referido Chronista q' padecendo unto
de gotta nos derrad^{os} annos de
sua vida, ~~foi~~

Para nityor se clorer a d'ava
arrimado do bordado de San Frei
Gil, religioso da ordem de San Douz
q' foi naquelle tempo, a q' elrei era
muy affectuoso e unto // devoto, p'
sua vida, e grande erudicão.

Que carta de erudicão fosse esta
de S. Fr Gil p' S. Affo elrei. Tanto q' me
muy claro no lo diz Sr Luiz de Sousa
na historia de S. Domingos, onde alim
vem nindom contada suor feiticia
pachos com o diabo, e mais conta
q' se vem de fundom as q' imaginei.

A uma alteraçã na fidelidade

se ha comu neste ¹⁰⁹ ~~meu~~ mais valho
veros q' prova, certo ~~em~~ amores.

Mto me peço q' se as descrições
que são de alguns lugares da poeira
romantica, tanto me fallerem nos
topographias: fronte fallencia de n.
terra de q' ninguém sabe nada; e se algum
comu alguém sabe não são de certo os mesmos.

De mim digo com certeza q' em meu pouco
saber mais conheço eu de paizes estranhos
& ate daquelle proprio numo vi q' de
soutos em q' fui nado & crendo. Oponca-
chinho q' pode haver & me serviu p.
a descripção do cabo de Sagres &
costa vizinha, tirei-o de uma pequena
memoria mt. q' claro me veio á mão &
cujo autor supponho em medio alentejano
ou ~~portuguez~~ chamado Silva, homem
q' pelo pouco amotro q' delle vi em
pouca e vera tanto merecia de ser

de ser conhecidos q^{to} e' pouco em
nada. —

A mythologia, ou fabelas sobre
naturas de q^{as} me servi são estranhas
erros em Portugal; ou melhor
direi, erros e estranhas ou absurdas
com q^{to} a nós são elles; q^{is} este e' um
legitimo erro. mythologia, e não
a dos Gregos e roms. q^{is} a queima romu-
nos mettido em cam de q^{is} apherfi-
coando n^o poesia com as bellezas
classicas the tirando todavia a original-
idade, o natural, ~~e~~ para o dizer
assim a nacionalidade propria sua.
Tomarão os poetas antigos por model.
e bem andarão então q^{is} nenhum outro
~~ex~~ nem tam perp. exemplar tinha,
mas não desviam imitando a
beliçoza do style, o castigado de

da phrase, e a elegante simplicidade
que caracterizam as obras primas da
antiquidade não havia mister de copiar
lá a rima, e muito menos em cursos
q' de mentação de nomes virtuosos q' erros
alheios de us habitos, de nenhum valor
e significação p' as creusas principios
dois & até' preconceitos e populares
superstições.

Figuravão bem nos poemas Latinos
Os Gregos o Júpiter & o Apollo.
São divindades q' não só' todos conheciam
porem muitas reconheciam
~~e adoravam,~~ ~~mas~~ cuja natureza historica
& legenda se ligava com as historias
& tradições do nauvio, ~~em~~ ~~as~~ ~~de~~ q'
era um simbolo visivel das abstracções,
dos philosophos, uma recordação de
memorias antigas ou respeitaveis
p' a classe illustrada, & objecto de

de ~~superstitione~~ & reip^o p^o supersti-
cior & ignoranter. Mod^o p^o
n^os que valem, q^o import^o q^o
signific^o q^o ~~florido~~ ~~esse~~ allegor^o de
sabios & divind^o de ignoranter ~~chamados~~
Saturno, vesta, cybele &? Para os
gregos Jupiter nasceu em Creta, Marte
na Thracia, Apollo e Diana em Delphos
Baccho em Thebes; omittos delle, e nota
supp^ota devenida delle ~~reim^o o^o~~
illustr^o of terror. Minerva fundora
Athens & ~~proley~~ ~~curiosa~~ as artes, as
of habites, Ceres a agricultura, cada um
deses deuses thes estava ligado p^o vinculo
de sangue ou benef^o ~~Am^o m^o m^o~~
habitav^o ~~nom^o do f^oro~~, ~~por montes~~
os deuses) os s^ois del^o ~~renda~~ ~~er^o~~

os montes, os campos, os rios, as fontes
que sugem q' da infancia ^{atova} ~~de~~ ~~os~~ ~~conheidos~~
à que se ligava os dozes recordações dos
brimos da inf. dos gêner da moço
dos ~~sentimentos~~ ^{suaveis da id. madura} & dos consalciões
deve lhuie. — Pa. ~~o~~ Romanos ~~Primito~~
^{fundador des. i. e.} em fu. de ~~estipites~~ Marte, Enos proyeitos
de sua estirpe f. de venus, todos ardeiros
des. / calend. tinham melhor ou menor relação
com ~~os~~ os objectos da veneração nacional
& prejuizo dos povos. Logo depois fôrto
admittido p. ~~os~~ ^{os} ~~segmentos~~ ^{segmentos} ~~dos~~ ^{dos} ~~conquistos~~
repe. calendario, a tinham com os povos
conquistos ~~constituídos~~ ^{constituídos} depois ~~por~~ ^{por}
integmente da republica ou do imperio.
2. Assim a theogonia de ~~os~~ ^{Herido} ~~os~~ ^{os} ~~os~~

+ Montaigne Rep. do L. & Groen. dos
Rom. —

& as metamorphoses de ovidio não
são ~~eram~~ tanto compostas
de ingenho e de poesia como livros
religiosos & monumentos nacionais. —

Porém os povos q hoje occupam
o mundo civilizado q succedeo
a estes illustres & dominadores
do globo temo outra origem, outra
religião, outra historia, outros costumes
outros preconceitos outros tradições.

As orações de Gregor são parecidas
as feitiços ^{as feitiços & adivinhos} ~~de~~ os agouros dos
Romanos são os nossos bruxarias, as
nymphas as Dryades as divindades
uns & outros são os ~~bruxarias~~ espiritos
os ~~II~~ genios, fadas, mouros encantados
&c. &c. os ~~II~~ sonhos mysteriosos são
os ~~II~~ visões, as ~~II~~ sybilas os nossos

benzocivis, as metaphors
or up eruant auter, or superi &
inferi or of bons & malij nos espintu

Não entra o nome de deus em mythologia como na dellel cutravap é
emito sublime é grande é noja idea
do ente supremo, nem soprem of
principio de religião & de moral q
a profanemos em lucras & alegoris
ou HA misterios com os deuses
da imaginação os respectaveis the-
orem de us cremo. A imagem
de deus não sei de us santuario
& o poeta christão quase q sejão
quaer forem os of locos, religiosos noã
ousaria, nem of levantate o of religio
ate as grandes do creador, non

avida p^o q^o misturou de magentura
de D^s com as caricaturas dos bruxa-
rios, & as verd^{es} da religião com
as fabulas dos emoutantes -

O moderno systema de ~~nicaraitas~~
christão q^o ~~Chateaubriand~~ ~~gouss~~
cujo superioris pertenden Chateau-
briand demostro em theoria no
1^o genio do Christianismo, & em
Practica nos Martyres difficulte
se pode apoiar dos proos de 1^o
autor pro dur^o. - Jugeuho si sua
obra e' o Genio do Christianismo &
meio persuad^o me deixo, nos
quando praticados nos Martyres
vi 1^o theoria de andei do vovos do
conceito. Fixou-me dahi a mytho-
logia ^{grega} pagã, & a druidica, &

de s/ successores portuguezes deste
Monte Penedo até ao ^{Monte} S. José de Agostinho
q̃ p̃ evitor o deffo de grande
contor de vauo, se envolverão
em devolo de difficul. & acatões
vencendo ou mal a fãna de
seruço de fãstio, de vni provincia
fuzes, & desenhabilissimos
creaturas de s/ lteral imagi-
nação —

Tornando ao Paraiso perdo q̃ é' o vni
valente argumto de favor do maravilhoso
christão, conuento q̃ ^{comu} grande & poctio
belleras produziu elle no poema de
Milton; mas p̃ q̃ toda a ouço toda
ou s/ partes e episodios p̃stemião a
esse mmo maravilhoso, sendo como
é' tudo alli sobrenatural & extror-
dinario & fora da natureza —

Ho autor q' se' mais algum adven-
ter, leia; mas recomendo - Me q'
seja pessoa q' não tarantelle; p' q'
se me desinguietor o demas q' atine
com ella a ver mundo; não haça
lozo dizeres a dar o pae d' crama.
E eu se a ^{de feito} mandor, mandor a ^{para} toda
apensar de ser p' de gente casada como
o sentimental e deoador de for alheio
ser com os p' proprios p' mais honra
& gloria dos eternos inousef dos
homens. — Como me prezo de o
avaliar não lhe digo mais nada

Quanto á epistola dedicatória
eila aqui nem sei fazer doutros
& já lhe disse q' q' Queiro q' não a
na Branca ~~de~~ como os p' p' p' p'

The city consagrada por memoria
motivos de estima p^a q^{ta} de la Santa Mo
esta a verduca anir. do s/

Haute 23 9ho
1824

Notas

At canto Primeiro.

nota A, pag. 3 —

Aureos numes d'Ascreu —

Allusãõ á theogonia de Hesiodo, chamado Ascreu p^o natural de Asora na Grecia.

O poema sobre a origem e genealogia dos deuses é o mais antigo e nomeado livro de theologia pagã q^e nos chegou. — Auctor ha q^e ~~fazem~~ ~~Dionisio~~ sustentãõ p^o mais moderno o proprio Homero; outros o querem s/ contemporaneo.

Nota B pag.

O retiro mystico

At onde te escondeste —

E ao levantar da nevoa matutina

Te hãõ de auordar. —

Estava, ao comezar esta este poema, o autor a q^m o dirijo, mysteriosamente fazendo sousta vida de hermitãõ n'um dos delirios arrabalde de certa capital, que nãõ ser
O.

a tal nevoa matutina (vespertina,
e sempiterna) seria a mais formosa
terra do mundo. —

nota C. pag.

Em hora boa & tra —

Fouil e' de ver q̃ vai nestes versos do
hymno do freiro / qualquer seja de inuitam
do stylo do l^o dos cantares e do cantio
dos cantios. —

nota D. pag.

A real Branca de Lervão senhora
até o fim da estadia.

Para explicação & intelligencia de tudo
o q̃ aqui se diz veja-se D. N. do Lio na
Chronica de D. Afonso III. — Fallando dos
folhos daquelle rei diz:

ou a razão desta distincção; mas conser-
vei-a todavia.

nota E. pag.

Vassallos estes são q' os feiteiros varzeos
De Burgon tem —

O convento ou abbadia de Holyon
está situada nas delimitadas varzeos
de Burgon; e grande espaço em derredor
erão seus vassallos os povos q' os habitavam.
Ainda hoje ha grande depend^a do mostro
pa aquelles habites & a abbadeza me
disse um biscainho, cuja tia o fôr, usa
de mytton quando vem ao choro: ésta
singularid^e motivou a verso acima
— Amais subido

Abais a the gran na hierarchia —

nota F

Salvos condutos do valense Afo
Dizião - se salvos-condutos os que

davão reis e sw^{rs}. ferros a q^m receio
de pagar p^o terras lhos pedra p^o
segurança de s^o pessoa & p^o ~~segurança~~
q^m não atacarem ou lhos defendem
a passagem. Ha ~~outros~~ exemplos na historia
dellas dadas p^o reis p^o outros reis, como
foi o q^m a D^o de castella deu
elrei D^o de Portugal. —

Nota G. pag.

Com rios panno d'ouro —

Phamavão panno d'ouro a certo recido
feito com pedretas de ouro aq^m supponho
se dá hoje onome de thama de ouro
ou prata a segund^o metal de q^m são
as pedretas.

diz Duarte ~~estras~~ fallando da ~~estras~~
trasladação de D. Ignez de Castro.

nota H pag.

Quem o ayudo Busemb au souhane
Nem o Larraga -

E' evidente o anachronismo; mas alem
de não ser na boca dos autores, não pude
resistir á tentação de fallar em dous
tann authors coexistas. O Larraga, e
sobretudo o Larraga illustrado oraulo
donosso padre moralista, é a obra
prima da ~~religião~~, ^{sabedoria} ~~et~~ ^{es} ~~poeta~~ humano
era sciencia dos costumes, e direções
de consciencia! —

notat. pag.

Mestre Gilvaz q' em Padua fez prodigios.

Aos phyzicos e doutores medicos chama-
vão então em Portugal metres, ou
meperes à italiana. Não só aos
doutores em medicina, porêr tambem
aos de direito, como é de ver nos historia-
dores. — Em Padua ~~era~~ era a mais
famosa universid' de então para phyzicos

afim como Bolonha ¹⁷³⁵ juristas & theo-
logos. A de Coimbra não veio a fundar-
se senão depois a n.º 1735 seguinte.

nota I. pag.

De monges negros. -

Os monges ~~ditos~~ distinguem-se se brancos
e negros segundo as cores de sua cogulla:
Bernardos ^{ou de S. Jher} ou Brancos, e certos ou pretos
negros. - São vulgares não só as riva-
lidas destas sanctas ordens entre si, mas
tambem as chufas, e amplexos com q̃
se motejavão uns aos outros sobre negros
e brancos, ~~expressos~~ com equívocos, e jo-
guetes q̃ destas palavras formavão. -

Em Inglaterra ainda hoje ha titulos,
particularmente em Londres, denominados
de Black, e White friars. Nem era
só esta denominação popular; que afim
thes chamãõ estatutos e canones antigos

nota K. pag. -
Mas abrolves não pode ser perado

Mas me tenho mais q' não cite
ao leitor a proposito de'be veris, outro
que me está a bailar as tripelinhos na
calçada memoria, e q' tam sabido é:

Uma só! - não abrolve esse perado.

Se já o conhece, não apprendem nada,
e se não, tambem tho não entinei eu:
entretanto satisfir o maldo' gostinho que
me estava a dizer:

Uma só, uma só! -

nota L.

Oq' ther falta, oq'? - Falta a tremenda

Este veiro não coreia de nada quanto
a mim, p' q' não supponho a' haja em
Portugal quem ignore o uso venerando
(p' q' tudo q' to' e' antigo o e', excepto as
... dos povos) dos moujes de d.

Bernardo ~~q' a esta hora~~ conhecido
pelo nome de tremenda. Advertirão

no porém q' a fim não era p' q' em
Lisboa muita gente ouos sabiu, como nós
provincianos q' mais de perto lidamos
com frades e lho sabemos dos...
virtudes. — A certa hora da noite
de pois de ceada, rezada, e deitada dos
adormecidos, e resonados os reverendos
padres, vão ^{pelos dormitórios} leigos donatos choritos ou
moços, q' tanto não sei eu, com uma
enorme marmita, ou outra q' tal
varilha, cheia de ^{gordura} pastas de cevado
foucinho cozido e abubado com vinagre
e não sei q' mais ingredientes, e batendo
as portas dos cellos acordão aquelles
penitentes varões p' a tam frugal refeição
q' suor reverencios devotant. devotão
p' santo obediencia. A isto se chama
Tremenda: porq' e comq' etymologia
a fim lho derão este nome não pude
ainda descobrir; mas o facto e' tam

real com a ex^{ta} do chouscos
dos Reverendos padres. Talvez duqu
venha este emmetim tam sabido q
se diz ás pessoas de juizo bernardo.

Fans toucinho no caso.

nota M pag.

Fexa amiza, saudora pers pectiva & a

Este quadro e' copiado de cor e d'
apreznature pelo q' se um q' vi
p' aquelles p^{tes} da Beira e q' pela
sensação deliriosa, e (como nos antigos
dizem & saudora) que em mim fez
lenho tam prest. como se o tivera diante
de mim. - Nota N. pag.

Como atause egyptica q' entre or brist & a

Não commento este verso p' explicar
a attusão historica, tam sabida de

agente
todo mundo, mas se dizer que com
provação não é viável, mas
onde, não posso recordar-me.

nota 0 - pag.

Insolvel theorem a sabris 10 erge

Atora do Pharaós. —

Por q̄ digo theorem, emo problema
como gerant. se diria, conheço os
q̄ sabem a diferente natureza e signi-
ficção dos dois cursos, e palavras.

Quanto a insolvel, explicar-me-hei
com as observações modernas de
Mow viajante inglês q̄ apesar de não
ser tam conhecido e fallado como Volney
& Chateaubriand, em n.ros. cousas obser-
von mais reflectido e entendem melhor
q̄ elles. E Mr. J. J. R. não lhe sei senão
dos iniciais: eis aqui o q̄ elle diz sobre
celebres pyramides do Egypto. —

" Com ~~uma~~ imperfeitas conhecimentos da autenticidade
e auxiliadas de arbitrarios analogias, vãos
esforços se tem feito ^{romper} a delgada a obscuridade
e envolver a origem destes monumentos:
as tentativas dos sabios modernos,
depois de observações longas e ~~difficil~~
assiduas, tem ² antes multiplicado que
que ajudado a arriar a difficuldade. —
O fim de sua construção porventura
nãa foi jamais nem completo, nem
geralmente conhecido. — "

Depois de esta asserção o et. pertence
fazer passar a 1ª opinião de q' opinão
destino das pyramides foi ¹ o culto ~~de~~
cujo emblema ^{era} ~~era~~ triângulo solid

Cartas sobre a Palestina Egypto & Syria
I.R. Carta 25. —

nota P pag.
E' os vezes e' peior p' q' se assanhão

"Não the atires q' se assanhão": contão dos
bravos da guarda q' dizão alguns d'elles
quãdo vião fraudes. Vãta a verdade
por meio creio tudo de portuguezes d'hoje.

nota Q pag.

Que por velos de mouros e tomara

velas na linguagem d'aquele tempo
quer dizer vigia, sentinella. vejaõ-se os
Lafins passim; e especialmte D. N.
na chronica de D. Af. Henrique. pag.
108 edic. de L^a de 1774

E quando ves ao quarto d'atã, tempo em
q' entendẽrão, q' os velos estãrão mais sou-
nolentos —

Rolda ou sobre solda, q' ~~outros~~ tem pebo
nemo, e todavia differente. A rolda e'
a sentinella, ou vela q' estã de guarda vigia
sôto q' ~~outros~~ outros velos; como hoje ha official
do dia q' visita de noite os quartos para

ver se tudo vai em ordem. Outro lugar
do nome D. N. e logo na pág. 147^o 109
autentica. esta distincão:

"Nito corulda, q̄ andava pelo mar
requereudo as velas, cheyrou per hi' d'elles
fallou." —

Nota B. pag.

— Bemtravado co'elles

Andou o mestre D. Paio. —

Era D. Paio Correa, portuguez de noroeste
e mestre de Santiago de castella q̄ com o
conmeidador e cavalleiro tomou dos mouros
os mais dos lugares do Algarve, e depois se
fez vassallo delrei de Portugal, a q̄m depois
entregou todo o ganhado por motivo da
cessão delrei de Castella, como ao diante
notaremos. Foi homem de singular valor
e nomeado provesor. —

nota 5. pag.

Aben Afan - De -

~~De~~ Ahen Afan, que era rei daquelle
terra, que stava entao em Sylves, quando
soube da tomada de Litambor, creendo que
stava ^{hi} alli o mestre, ajuntou as gentes q
pode ~~De~~ —

veja-se a carta ^{avto. D. L. -} no principio. —

nota I. pag.

Como as sette

Aureas Torres no Reino Lusitano -

~~Como as sette~~ Como as sette

De rei de Portugal veio a enfia

D'aynem & d'alem mar De —

As sette Torres do Reino de Portugal são heas
Algarves, e aureas p q são amarellas q
em Blawneriu e' d' memo q aureas ou douradas.
As quaes Torres são em campo vermelho; e
arrazão d'isto diz D. N. q foi p or logares q
erao tomados com mouro, e por os q avida

esperava tomar com o porquinte do sangue
dellas. Em outro ao número de sette é
mais moderno. Vem-se em pinturas antigas
doze e mais costellas nos escudos portuguezes.
Li-o, mas não me lembra do rei no fio, qual
fixou o numero de Sette, ^{sem q' se usa} por q' não houve
razão prathica, senão motivo de regularidade
p' o futuro, se bem me ricordo.

Os primeiros reys nosos reis intitulavão-
se tamsonte reis de Portugal, ou dos Por-
tuguezes, q' tambem ha documentos e scripturas
antigos em q' vem desta ultima forma. Depois
da tomada do Algarve ~~Associação~~ e da
Algarve, no singular. — O plural dos Algor
ves só o tomou depois de ~~sempre~~

Rever a conquista a outra pte do mar na
Barbaria pelo q' se ajuntou — daq' se
d'alem mar em ~~esta~~ ^{esta} ~~com.~~ ^{com.} ~~antij~~ ^{antij} ~~antij~~ ^{antij}
vera pte reino dos Algarves ambos daq' se
& d'alem do mar unidos em um só reino

e era muy grande etrodo q da parte da
Europa comecava no cabo hoje a S. Vicente
e acabava na cid de Almeria no reino
de granada, e da parte de Africa urria
dubõra do estreito ate Tremeseu^{em} q entra
o reino de Fez e os lid de Leuta, e Tangere
doq antigant chamovõo reino de Bena-
marim. Algarve quer dizer em drabigo
terracham p ser a nos parte delle situada
em planicies e borda mares.

Não se ideq serve aos reis esta mul-
tiplicad de titulos q encusões, senõ e
p vergonha dos descendentes q tam barotes
perdes q tam caro custon aganhos
a seus illustres avoengos quando se inti-
tulõo reis e senhores doq ja não sen,
eme tam barote perdes, e q tam caro
custon aganhos a illustres avoengos.

Nota V. pag.

La hora a costumada

De nos reis maldos

O escureur, hora emq se illuminaõ os